

Pesquisa Etnográfica em Educação Física: uma (re)leitura possível^{1,2}

Ethnographic Research in Physical Education - a possible (re)reading

Pesquisa Etnográfica em Educação Física: uma (re)leitura possível. *R. bras. Ci e Mov.* 2007; 15(1): 137-143.

RESUMO: Este trabalho objetiva discutir a pesquisa etnográfica no campo da educação física. Consta-se que no meio acadêmico da área a etnografia tem sido comumente conceituada como mera descrição cultural, ou aplicação de um conjunto de técnicas de coleta de dados, o que traduz certo reducionismo. A partir dessa crítica, é desenvolvida uma (re)leitura sobre a etnografia que a situa como processo de pesquisa que transita entre o conhecimento particular (de grupos específicos) e geral (da sociedade como um todo). Sendo interpretativa, a etnografia insere-se no horizonte de um entendimento possível, porém contextualizado, sobre os fatos pesquisados. Para além de tensionar teoria X cotidiano, local X global nas práticas cotidianas da educação física, a etnografia constitui-se na tentativa de compreensão do “outro” e aprendizagem com o “outro”.

Palavras-chave: pesquisa qualitativa; etnografia; educação física.

Ethnographic Research in Physical Education - a possible (re)reading. *R. bras. Ci e Mov.* 2007; 15(1): 137-143.

ABSTRACT: The present work is aimed at discussing ethnographic research in the field of physical education. In the academic environment of physical education, ethnography has been usually viewed as a mere cultural description, or the application of a set of data collection techniques, which translates a certain reductionism. Starting from this critique, a (re)reading of ethnography is developed, one that situates it as a research process that transits between local knowledge (of specific groups) and global knowledge (of the society as a whole). Being interpretative, ethnography is inserted within a horizon of a possible understanding, however contextualized, on the researched data. Beyond confronting theory x quotidian, local x global in the everyday practices of physical education, ethnography is an attempt of understanding the “other” and learning with the “other”.

Keywords: qualitative research; ethnography; physical education.

Rogério Cruz de Oliveira
Jocimar Daolio

¹ Pesquisa etnográfica em Educação Física.

² Este artigo, com pequenas modificações, é síntese da discussão metodológica presente na Dissertação de Mestrado “Educação física, escola e cultura: o enredo das diferenças”, defendida e aprovada no ano de 2006 no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF/UNICAMP), com auxílio financeiro da CAPES.

Introdução

A década de 1980 foi, sem dúvida, um período marcante para a educação física brasileira, quando foi gestado um novo direcionamento epistemológico que, calcado nas ciências humanas, desencadeou uma série de reflexões até então inéditas para o campo acadêmico. Tais reflexões subsidiaram inúmeros debates que se prolongaram pela década de 1990 até os dias de hoje. Embora ainda estejamos distantes de consensos, o resultado dessas discussões acumuladas ao longo do período permitiu, além da consolidação das ciências humanas na área, um crescimento que acabou por enriquecer o discurso acadêmico e fomentar intervenções que se distanciassem das visões reducionistas e a-críticas de educação física^{2,3} (OLIVEIRA, 1994).

O quadro da educação física que se vê hoje é diferente daquele pintado há vinte anos, isso devido ao esforço de inúmeros pesquisadores que se “aventuraram” em pensar a educação física por outro viés teórico. Tal fato permite-nos afirmar que aquilo que hoje estudamos e pesquisamos na área constitui-se em continuidade e aprofundamento de abordagens daqueles que nos precederam. Isso porque as idéias teóricas de novos estudos advêm de outros relacionados.

Os estudos constroem-se sobre outros estudos, não no sentido de que retomam onde outros deixaram, mas no sentido de que, melhor informados e melhor conceitualizados, eles mergulham mais profundamente nas mesmas coisas (GEERTZ, 1989, p.35).

Assim é que nos propomos neste trabalho a uma (re)leitura da pesquisa etnográfica no campo da educação física, ou seja, mergulharmos num tema que há algum tempo tem sido apropriado pela área, entretanto passível de questionamentos ainda não explorados. A intenção é contribuir com a discussão acadêmica sobre a prática etnográfica de pesquisa em educação física, explicitando certos equívocos existentes nesta concepção, bem como apontar outra leitura possível sobre esta.

Dessa forma, intencionamos contribuir com o debate acadêmico que cerca o tema em questão, entendendo que esse esforço constitui num primeiro incursão na direção de uma análise das pesquisas etnográficas na educação física brasileira. Como tal, trata-se mais de um “approach” teórico, uma (re)leitura possível, do que um texto conclu-

sivo sobre o tema. Na verdade, é apenas o início de uma empreitada maior.

Etnografia na educação física brasileira: uma leitura possível

Iniciamos nossas reflexões pela constatação de algumas obviedades construídas e consolidadas pela área no que se refere à etnografia, entendendo que tudo aquilo que é óbvio carece de questionamentos, inquietações, dúvidas, e também possíveis respostas, que, por fim, geram novamente outros questionamentos, inquietações, dúvidas e outras respostas, bem como outras obviedades. Darcy Ribeiro (1986) afirma que só conseguimos desmascarar uma obviedade para descobrir outras mais óbvias ainda³.

As obviedades que têm perpassado a etnografia no campo da educação física - tanto no que se refere à concepção como à prática - compartilham da idéia de que se trata de uma descrição cultural, ou então, de um conjunto de técnicas que, aplicadas numa pesquisa qualitativa⁴, permite mapear o cotidiano cultural de determinado grupo. Essa concepção de etnografia, comum na área, incorre, em nossa opinião, em certo reducionismo, como tentaremos mostrar no desenvolvimento do texto.

Considerar a etnografia como um conjunto de procedimentos de pesquisa acaba por reduzir uma rica abordagem teórica a um mero protocolo. Marli André (1995) afirma que há dois sentidos para a palavra “etnografia”, o primeiro referindo-se a um conjunto de técnicas para coletar dados sobre os valores, hábitos, crenças, práticas e comportamentos de um grupo social, e o segundo referindo-se a um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas. Afirma ainda que um trabalho, para ser considerado “de tipo etnográfico”, deve fazer uso das técnicas associadas à etnografia, ou seja, a observação participante, a entrevista intensiva e a análise documental. Como se fazer etnografia dependesse única e exclusivamente dos tipos de instrumentos que se utiliza para coletar dados e não pela abordagem teórica que definirá a forma como estes dados são vistos, interpretados e relacionados. Como veremos adiante, a pesquisa etnográfica não se constitui apenas em produto, mas também em rico processo.

Sobre esse equívoco no uso da etnografia, afirma José Guilherme Magnani (2001):

Entendida em alguns casos como sinônimo de observação participante; confundida, em outros, seja com

² Este artigo, com pequenas modificações, é síntese da discussão metodológica presente na Dissertação de Mestrado “Educação física, escola e cultura: o enredo das diferenças”, defendida e aprovada no ano de 2006 no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF/UNICAMP), com auxílio financeiro da CAPES.

³ Darcy Ribeiro afirma que a ciência trabalha com o óbvio. Em humor aguçado, afirma que Deus é muito “treteiro”, fez as coisas tão disfarçadas que se precisa desta categoria de gente – os cientistas – para revelar a obviedade do óbvio. O autor utiliza vários exemplos para corroborar o seu dito, dos quais elucido um, a seguir: “É óbvio, por exemplo, que todo santo dia o sol nasce, se levanta, dá sua volta pelo céu, e se põe. Sabemos hoje muito bem que isto não é verdade. Mas foi preciso muita astúcia e gana para mostrar que a aurora e o crepúsculo são tretas de Deus. Não é assim? Gerações de sábios passaram por sacrifícios, recordados por todos, porque disseram que Deus estava nos enganando com aquele espetáculo diário. Demonstrar que a coisa não era como parecia, além de muito difícil, foi penoso, todos sabemos”.

⁴ De acordo com Minayo (1994), uma pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, preocupando-se com um nível e realidade que não pode ser quantificado; ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis.

pesquisa-ação, seja com pesquisa participante, a etnografia foi transformada num verdadeiro passe-partout sempre quando houve algum tipo de envolvimento com os pesquisados, e na maioria dos casos terminou servindo antes como um rótulo do que como efetivo instrumento de trabalho (p.22).

A prática da etnografia tem sua origem na Antropologia de fins do século XIX, quando alguns pesquisadores - dentre eles destacaram-se Bronislaw Malinowski e Franz Boas - decidem ir a campo e passar longos períodos de tempo junto aos nativos, realizando uma observação mais constante e minuciosa dos hábitos das tribos da época. À medida que o antropólogo pesquisa *in loco*, ele passa a compreender a lógica dos comportamentos dos nativos; qualquer atitude, por mais estranha que pudesse parecer inicialmente, passou a ser compreendida em um universo de significados que dava sentido aos comportamentos daquele grupo específico. O que os antropólogos do final do século XIX e início do século XX descobriam não se resumia a um novo procedimento ou a uma técnica de pesquisa; operavam uma revolução conceitual da própria área.

A Antropologia vai deixando de ser aquela ciência que apenas coleta curiosidades de povos exóticos para ser a área que procura compreender os homens nas suas particularidades culturais; o homem deixa de ser classificado como inferior, primitivo ou selvagem, para ser um homem culturalmente diferente, com os mesmos direitos e possibilidades que qualquer outro ser humano; e a cultura deixa de ser apenas um critério material e externo ao homem para ser considerada como um processo dinâmico inerente a todos os humanos (DAO-LIO, 2001, p.29).

Considerando tal afirmação, a etnografia deve inserir-se no horizonte de compreensões das dinâmicas culturais de grupos sociais. A mera descrição cultural não garante o acesso ao universo complexo de significados e representações destes grupos, no máximo, ajudamos a conhecer certas particularidades, que não amplamente contextualizadas (sociedade como um todo), corre o risco de se constituir num relato de campo.

Na nossa área, recentemente, foi lançado no mercado editorial um Dicionário Crítico

de Educação Física, organizado por Fernando J. González e Paulo E. Fensterseifer⁵. Sem dúvida, trata-se de uma obra rica, com cerca de 150 verbetes ou expressões que procuram circunscrever a área de Educação Física a partir do aporte teórico das Ciências Humanas. Entre os verbetes apresentados, aparece a concepção de etnografia, escrita pelo professor Vicente Molina Neto, um estudioso da educação física, especificamente na área escolar, que tem se debruçado no estudo de metodologias de pesquisa qualitativa na área⁶. Trata-se de um texto curto - pouco mais de duas páginas - mas que, no entanto, nos fornece elementos para um rico debate. E é a partir dele que teceremos nossos comentários, caminhando em direção a um diálogo acadêmico que objetiva explorar outras leituras sobre o tema em questão, apresentando, como já dito, outras obviedades possíveis, e que só são possíveis hoje porque existe um debate acumulado sobre o tema em questão.

“Etnografia é o estudo descritivo (*graphos*) da cultura (*ethnos*) de um grupo” (MOLINA NETO, 2005, p.183). Esta é a primeira frase utilizada pelo autor ao explicitar o verbete etnografia no Dicionário Crítico de Educação Física. Embora a frase não esteja totalmente incorreta, pode limitar a compreensão da etnografia por parte daqueles que se apropriarem *ipsis litteris* desta concepção, o que já acontece no meio acadêmico.

Nos últimos anos, freqüentando alguns congressos e eventos científicos da área, temos visto que a etnografia tem sido amplamente utilizada, principalmente por aqueles pesquisadores que se debruçam no tema da educação física escolar e formação de professores. Sem dúvida, trata-se de um dado positivo e relevante para a área, no entanto, deveras preocupante. O fato que chamou nossa atenção é que a maioria desses trabalhos, publicados e/ou apresentados, intitulados de etnográficos, prenderam-se à descrição pura e simples do que ocorreu na coleta de dados, precedida por uma introdução teórica ao tema. Realmente, os autores foram minuciosos e criteriosos na coleta de dados, no entanto, o que tinham em mãos subsidiaram apenas uma descrição de como foi o trabalho de campo; apenas contaram o que aconteceu. Além disso, na maioria das vezes, as discussões teóricas abordadas nos trabalhos não tinham “conexão” com o cotidiano pesquisado, servindo apenas de uma grande introdução ao tema. Como se existissem dois textos num mesmo texto: um

⁵ Editora Unijuí, Ijuí, 2005.

⁶ Vicente Molina Neto e Augusto Triviños foram organizadores, em 1999, do livro “A Pesquisa Qualitativa na Educação Física”.

embasado nos livros, e um outro, calcado na experiência do campo, mas sem nenhum elo que os ligasse.

Um outro reducionismo percebido, já anunciado em linhas anteriores, diz respeito à concepção de que se apropriar da etnografia consiste simplesmente em aplicar um conjunto de técnicas de coleta de dados. Tal entendimento também encontra-se nos argumentos de Molina Neto (2005), quando afirma:

Com frequência o termo [etnografia] é utilizado para dar sustentação a um leque de procedimentos de investigação empregados para descrever e interpretar as representações e os significados que um grupo e os sujeitos dão a sua experiência vivida cotidianamente (p.183).

Embora o autor tenha mencionado que a etnografia presta-se à interpretação dos dados colhidos e observados em campo, a ênfase recai nos procedimentos de investigação empregados na pesquisa, ou seja, nos instrumentos de coleta de dados. Tal ênfase reforça a concepção de pesquisa etnográfica como simples aplicação de um conjunto de técnicas por meio das quais o pesquisador terá acesso à dinâmica cultural de determinados grupos sociais que serão descritos minuciosamente.

Sabemos que essa concepção não traduz a opinião do referido autor, pois o mesmo menciona em sua explanação a concepção de etnografia como “descrição densa”, defendida por Clifford Geertz - a qual iremos nos prender nas próximas linhas. No entanto, não se aprofunda nas idéias deste que, ao nosso ver, muito tem a contribuir no debate sobre pesquisa etnográfica. Além disso, o autor, em obra anterior (MOLINA NETO & TRIVIÑOS, 1999) discute com mais profundidade a pesquisa qualitativa e, em especial, a etnografia como processo reflexivo, flexível e interpretativo.

Porém, a etnografia, ao ser explicitada como no Dicionário Crítico de Educação Física, traduz certo risco para a área, com o agravante de se tornar um “modismo” entre os pesquisadores que tecem seus estudos pelo recorte das ciências humanas.

Um outro agravante é que grande parte das pesquisas etnográficas em educação física ainda está embasada em André (1995). Esta autora foi pioneira na discussão da pesquisa qualitativa, especificamente a etnografia, no

campo da educação, tendo sua obra uma grande contribuição para o campo acadêmico da educação física. No entanto, atualmente, é preciso lançar mão dessa literatura com certo cuidado, do contrário, há o risco do uso (concepção e prática) superficial da etnografia nas pesquisas qualitativas. André (1995) propõe a terminologia “pesquisa de tipo etnográfico”, reconhecendo que não é possível no cotidiano de pesquisa atual realizar uma etnografia como o faziam - e ainda fazem - os antropólogos. Ora, sem a profundidade teórica que a concepção etnográfica exige, as pesquisas de tipo etnográfico podem descambar para o terreno das descrições minuciosas de um grupo específico, sem levar a um cotejamento com outros grupos ou com outras realidades, nem com outras subjetividades. Constituir-se-iam em descrições que se encerram nelas mesmas, em estudos locais que não se relacionam a outros contextos ou outros níveis de análise. Na nossa concepção, o termo “pesquisa de tipo etnográfico” traduz certo clichê que há muito teve sua utilidade, fomentando o vislumbre de um caminho metodológico qualitativo, mas está hoje, senão gasto, pelo menos datado, necessitando maior profundidade para quem se aventura pela etnografia.

Nas linhas abaixo, caminharemos no sentido de evidenciar uma concepção de etnografia que fuja do risco do relativismo e da concepção de etnografia como aplicação de um conjunto de técnicas. Embasados principalmente em Clifford Geertz, evidenciaremos que a etnografia insere-se no movimento que vai do particular (local) aos aspectos mais amplos de uma sociedade (global), resultando num processo de encontro e aprendizagem com o “outro”, o que permite não somente um estudo sobre eles (os grupos sociais), mas com eles.

A etnografia e sua (re)leitura possível

Antes de abordarmos a etnografia a partir do referencial antropológico de Geertz, faz-se necessário situarmos o conceito de cultura, pois esse é central para entendermos a concepção de “descrição densa” proposta pelo autor.

A cultura, para além das características de determinado grupo social, representa o modo de viver dos sujeitos, a forma como estes atribuem significados às suas ações e experiências cotidianas. Representa, conforme Geertz, uma “teia de significados” construída dinâmica e publicamente pelos seres humanos; a Antropologia, por meio da “descrição densa”, deve dar conta de sua análise, operando ao nível das representações

dos sujeitos, “[...] não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (GEERTZ, 1989, p.15). Ou seja, “moldando” uma lente pela qual se enxerga o mundo, não com uma rigidez de fronteira que divide, mas passível de uma flexibilidade que compartilha, sendo essencialmente dinâmica. Gusmão (2003, p.91), ao tratar do assunto, afirma que

[...] a cultura no interior de uma realidade humana é sempre dinâmica, não é fechada ou cristalizada como um patrimônio de raízes fixas e permanentes. A cultura possui fronteiras móveis e em constante expansão. Tampouco é conjugada no singular, já que é plural, marcada por intensas trocas e muitas contradições nas relações entre grupos culturais diversos e mesmo no interior de um mesmo grupo.

Partindo desse pressuposto é que, segundo Geertz (1989, p.24), a cultura, como “sistema entrelaçado de signos interpretáveis”,

[...] não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível - isto é, descritos com densidade.

Dessa forma, aventurar-se pelo estudo etnográfico significa penetrar num determinado universo sócio-cultural na busca de decifrar “estranhos” códigos, ler entrelinhas, perceber comportamentos, “pescar” discursos e falas, interpretar significados, enfim, filtrar o dito e o não dito pelos atores sociais no que se refere à problemática de algum estudo. Geertz (1997) afirma que esse empreendimento parece-se com compreender o sentido de um provérbio, captar uma alusão, entender uma piada.

Nesta direção, uma etnografia, ou “descrição densa”, busca contemplar quatro características: (1) a etnografia é interpretativa; (2) o que ela interpreta é o fluxo do discurso social; (3) a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o “dito” num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis e; (4) ela é microscópica (GEERTZ, 1989).

Estas ações estão em consonância ao que o autor chama de “especificidade complexa”,

ou “circunstancialidade”. É justamente com essa espécie de material produzido por um trabalho de campo⁷ altamente participante e realizado em contextos “confinados”, que os “megaconceitos” podem adquirir toda a espécie de atualidade sensível que possibilita pensar não apenas, realista e concretamente, sobre os participantes da pesquisa, mas, criativa e imaginativamente, com eles.

Isso não significa entender o “campo” como fonte de verificação empírica - validando ou não supostas hipóteses -, mas como fonte de informação a partir da qual o diálogo com a literatura é construído. Isso porque a teoria não é “profética”, determinante do que será visto e/ou comprovado. “Em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo - isto é, sobre o papel da cultura na vida humana” (GEERTZ, 1989, p.38). Ela - a teoria -, no máximo, pode antecipar o que poderá ser observado, pois, a interpretação cultural se dá a posteriori (IDEM).

Um estudo etnográfico é alusivo à construção de uma ponte que une dois lados de um mesmo território, a teoria e o cotidiano. No entanto, uma ponte que não representa apenas um caso particular de uma determinada realidade nem uma lei geral explicativa da mesma. Não é possível uma boa etnografia sem a ligação entre teoria e cotidiano, uma vez que a primeira deve subsidiar a observação, enquanto esta deve recorrer às explicações teóricas. Esse processo é dinâmico e de mão dupla. Uma teoria sem observação resume-se apenas à compilação bibliográfica de alguns autores; uma observação sem teoria resulta em descrição bruta.

De acordo com Fonseca (1999), “cada caso não é um caso⁸”, são os dados particulares que abrem caminhos para interpretações maiores. Conforme Geertz (1989), as interpretações mais amplas e abstratas partem de um conhecimento muito extensivo de assuntos extremamente pequenos. “Aliás, é justamente essa extensão de nossas análises a contextos mais amplos que, juntamente com suas implicações teóricas, as recomenda à atenção geral e justifica nosso empenho em construí-las” (p.31).

Para essa tarefa interpretativa, o mesmo autor sugere abandonar a tentativa de explicar fenômenos sociais por meio de uma metodologia que os tece em redes gigantescas de causas e efeitos, tentando explicá-los a partir de estruturas locais de saber. Segundo Geertz, a tradução cultural “[...] não significa simples-

⁷ Cabe aqui uma ressalva importante, a de que não necessariamente o trabalho de campo numa pesquisa etnográfica precisa ter longa duração, embora um tempo dilatado permita maiores aprofundamentos. É um equívoco pensar que nas etnografias, o trabalho de campo imprescindivelmente deva ser extenso, a ponto de Molina Neto (2005) afirmar que na educação física “[...] são raros os estudos etnográficos propriamente ditos, pois estes requerem considerável tempo de permanência nas comunidades estudadas [...] (p.184). É a forma como se procede no trabalho de pesquisa que caracteriza uma etnografia, e não o emprego de certas técnicas de coletas de dados e o tempo de permanência no “campo”. Pensar assim é reduzir a possibilidade da etnografia a um check list, o qual, tendo contemplado os pontos obrigatórios, tem-se um estudo etnográfico.

⁸ A autora, antropóloga, afirma que há muito compartilha do entusiasmo pela pesquisa etnográfica, acreditando ser um caminho importante para as pesquisas na área da educação. Para a mesma, é interessante e até gratificante notar que a frustração com tipologias massificantes e teorias sumamente abstratas tem levado muitas pessoas a procurar na antropologia e, em particular, na etnografia uma nova “solução” para seus dilemas científicos - um tipo de “elo perdido” que ajudaria a fechar a lacuna entre a teoria e a realidade. No entanto, tem percebido que a etnografia tem sido utilizada com certos equívocos. No decorrer de seu trabalho, em tom de denúncia, evidencia os equívocos de uma etnografia truncada, isto é, que se fecha em técnicas e orientações teóricas que realçam apenas o indivíduo. Fonseca (1999) demonstra em seu trabalho que a filosofia relativista do “cada caso é um caso” não é equivalente com a etnografia, pois esta sempre vai além do caso individual. Em um de seus exemplos, há a explicitação do trabalho de um pesquisador que, dizendo ter realizado uma etnografia, utiliza-se de entrevistas quase terapêuticas em sua “pesquisa de campo”. Frente ao fato, a autora explicita sua preocupação com aqueles que se aventuram pela antropologia, especificamente pela etnografia, sem preparação adequada, podendo, em vez de realizar uma costura interdisciplinar, cair no vazio - um território nem lá, nem cá, onde o que mais floresce é o senso comum da cultura do pesquisador. Assim, ela encaminha seu texto na direção de evidenciar que, em etnografia, “cada caso não é um caso”.

mente remoldar a forma que outras pessoas têm de se expressar em termos das nossas formas de expressão [...], mas sim mostrar a lógica das formas de expressão deles, com nossa fraseologia” (1997, p.20).

Os conceitos de “experiência próxima” e “experiência distante” mostram-se importantes para a compreensão do papel do pesquisador nesse encontro com o outro numa pesquisa etnográfica realizada com profundidade. Geertz (1997) propõe compatibilizar os níveis de experiência próxima e distante, uma vez que não são opostas, evitando a opção por um dos níveis e a fim de obter a aproximação necessária para a pesquisa. Segundo ele:

Limitar-se a conceitos de experiência-próxima deixaria o etnógrafo afogado em miudezas e preso em um emaranhado vernacular. Limitar-se aos de experiência-distante, por outro lado, o deixaria perdido em abstrações e sufocado com jargões (p.88).

É somente ao completar esse movimento interpretativo, indo do local ao global, que o pesquisador cria um relato etnográfico, pois, sem tal “contextualização”, o “qualitativo” não acrescenta grande coisa à reflexão acadêmica (FONSECA, 1999). Segundo a autora, a etnografia não é tão aberta como pensam, um vale tudo (cada caso é um caso), pois, fazendo parte das ciências sociais, exige a devida contextualização social (político, histórico) do comportamento humano. A autora ainda afirma que os dados não falam por si sós, pelo contrário, dependendo da “lente” usada para examiná-los, os mesmos dados coletados em campo podem inspirar leituras opostas.

Portanto, deve-se fugir da ênfase na simples descrição dos fatos observados em campo e também da ênfase nos modelos prontos de análise. Entendendo que as particularidades dos grupos sociais estão contidas na grande teia social e que nesta estão contidas as particularidades de determinados grupos, há que se pensar nessa “costura” entre o particular e o geral no campo do conhecimento, fugindo de particularismos exagerados e universalidades absolutas. A “descrição densa” é, por definição, um processo que se distancia ao mesmo tempo da elaboração de leis explicativas e de grandes “contos” particulares.

Penetrar um universo microscópico, como assim requer uma das características da etnografia proposta por Clifford Geertz, para além da compreensão de particularismos reservados a determinados grupos, traduz

também a atmosfera de códigos “macro-sociais” que os circundam. Não com o intuito de generalização, mas distante de uma mera compreensão de um caso particular.

O objetivo é tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados; apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva empenhando-as exatamente em especificações complexas (GEERTZ, 1989, p.38).

Ou seja, no estudo etnográfico os pequenos fatos observados - densamente entrelaçados - ganham “vida”, que, para além de uma simples descrição, constituem a tessitura social do significado, compreensão e representação do fato e/ou problema pesquisado. Numa etnografia, não se tem o objetivo de esgotar determinado assunto, pois os dados fornecem percepções que nos permitem apenas possibilitar um olhar sobre o “enredo”, isso porque, “A análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa” (IDEM, p.39).

Segundo Fonseca (1999), as nossas análises devem ser tratadas como hipóteses a serem “exploradas/discutidas” ao lado de outras, servindo para oferecer uma alternativa, abrindo o leque de interpretações possíveis, mas não para fechar o assunto ou criar novas fórmulas dogmáticas. A autora também nos lembra que nossas interpretações são criações abstratas, cunhadas para ajudar-nos – nós, pesquisadores e educadores – a fazer sentido daqueles “outros”. O que significa dizer que nossas análises sempre vão ser uma simplificação grosseira da realidade, ou, nas palavras de Geertz (1989), uma interpretação de “segunda mão”, pois, “[...] o que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas, do que elas e seus compatriotas se propõem [...]” (p.19). E é justamente nessa diversidade de construções e análises que há a possibilidade de uma compreensão mais profunda da nossa própria realidade, tanto a mais particular quanto aquela que engloba a sociedade como um todo.

Considerações finais

Defendemos que a etnografia pode contribuir para a pesquisa em educação física, a partir da consideração que ela propicia o encontro com o Outro, esse sujeito a ser investigado. Se é necessário distinguir o sujeito que observa do sujeito que é observado, parece impossível

dissociá-los, pois ambos compõem uma relação definida pela intersubjetividade. É essa característica da pesquisa antropológica que está expressa no princípio da alteridade, conceito caro para a Antropologia e para todas as ciências humanas. É necessário nos colocar no lugar e na condição do Outro para melhor compreendê-lo e para tornar possível a interpretação de sua dinâmica cultural. Enfim, na direção do diálogo e aprendizagem com o diferente.

Ressaltamos, por fim, que esse texto não almeja - seria muita pretensão - colocar um ponto final nesse debate, apenas apresenta uma outra leitura que, esperamos, enriqueça a discussão acadêmica, fomentando novos questionamentos e críticas. Afinal, conforme afirma Geertz (1989, p.39), “[...] não há conclusões a serem apresentadas; há apenas uma discussão a ser sustentada”.

Referências Bibliográficas

1. ANDRÉ MEDA. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
2. CAPARROZ FE. **Entre a educação física na escola e a educação física da escola**. Vitória: UFES, 1997.
3. DAOLIO J. **Educação física brasileira: autores e atores da década de 1980**. Campinas: Papirus, 1998.
4. DAOLIO J. A antropologia social e a educação física: possibilidades de encontro. In: CARVALHO YM, RUBIO K. (organizadoras.) **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001, p.27-38.
5. FONSECA C. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. In: **Revista Brasileira de Educação**. 1999; n.10: p.58-78.
6. GEERTZ C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
7. GEERTZ C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.
8. GUSMÃO NMM. Os desafios da diversidade na escola. In: GUSMÃO NMM (organizadora) **Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados**. São Paulo: Biruta, 2003, p.83-106.
9. MAGNANI, JGC. Antropologia e educação física. In: CARVALHO YM, RUBIO K. (organizadoras) **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001, p.17-26.
10. MINAYO MCS (organizadora). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 9.ed.Petrópolis: Vozes, 1994.
11. MOLINA NETO V, TRIVIÑOS ANS. (organizadores). **A pesquisa qualitativa na educação física**. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 1999.
12. MOLINA NETO V. Etnografia (verbete). In: GONZÁLEZ FJ, FENSTERSEIFER PE (organizadores). **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: UNIJUÍ, 2005. p.183-185.
13. OLIVEIRA VM. **Consenso e conflito da educação física**. Campinas: Papirus, 1994.
14. RIBEIRO D. **Sobre o óbvio/Ensaio insólitos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.